

"Your friend and brother Barroso": uma nova carta do Barão do Amazonas

"Your Friend and Brother Barroso": a New Letter from the Baron of Amazonas

Pedro Henrique de Souza Ribeiro

Doutorando no Programa de Pós-Graduação em História Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, RJ, Brasil
pedro.souza4029@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0002-5262-9009>

Resumo: O documento ora transcrito é uma carta de Francisco Manoel Barroso da Silva – mais tarde barão do Amazonas –, datado de 9 de maio de 1865, isto é, um mês e dois dias antes da Batalha Naval do Riachuelo. O caráter distintivo do documento deve-se tanto ao fato de ter sido descoberto de maneira inadvertida e ser ausente de catalogação, quanto às informações que traz a respeito das dificuldades e estratégias do almirante Barroso. Além disso, permite conhecer o tipo de alimentação demandado pelas tropas e perceber a categoria de barbárie sendo aplicada aos paraguaios pela via da zoomorfização num discurso que tentava legitimar a guerra.

Palavras-chave: Francisco Manoel Barroso da Silva, Guerra do Paraguai; Marinha imperial.

Abstract: The document now transcribed is a letter from Francisco Manoel Barroso da Silva – the later baron of Amazonas –, dating from 9 May 1865, one month and two days ahead of the Naval Battle of Riachuelo. The distinctive character of such document is due both to the fact that it has been discovered inadvertently therefore lacking any sort of cataloguing, as well as to the information it brings regarding the difficulties and strategies faced and crafted by admiral Barroso respectively. Furthermore it allows one to get to know the sort of nourishment demanded by the troops as well as to realise the category "barbarianism" as employed to describe the Paraguayans who were being zoomorphised as part of a discourse whose goal was to legitimise the war.

Keywords: Francisco Manoel Barroso da Silva; Paraguayan war; Imperial Brazilian navy.

Naquele tempo ainda o barão do Amazonas não tinha salvo a independência das repúblicas platinas mediante a vitória de Riachuelo, nome com que a Câmara Municipal crismou a rua de Mata-cavalos. Vigorava, portanto, o nome tradicional da rua, que não queria dizer cousa nenhuma de jeito¹.

O documento que ora se apresenta tem indícios de ser peça inédita. Trata-se de uma carta de Francisco Manoel Barroso da Silva – o almirante Barroso, barão do Amazonas, – celebrizado pela Batalha Naval do Riachuelo. O ineditismo do documento, o que, de antemão, já atrai a curiosidade do leitor para o escrito, pode ser suplantado somente por sua análise em dois planos: o primeiro, vinculado à sua descoberta e, nessa medida, curioso; o segundo, relacionado ao seu conteúdo revelador e informativo; ambos complementarmente intrigantes, ainda que afastados temporalmente.

No plano da descoberta, cumpre informar o leitor sobre o caso fortuito que a envolveu: em 2019, eu, então cursando o 4º Ano da Escola Naval, debruçava-me sobre o envolvimento da marinha na Proclamação da República, esforço que rendeu uma monografia a respeito do tema, uma apresentação na Comissão de Estudos e Pesquisas Históricas (CEPHAS)² do IHGB. A fim de provar o envolvimento de diversos elementos republicanos na força ao final do século XIX, na contramão do silêncio historiográfico sobre o tema, debrucei-me sobre o Almirante Saldanha da Gama, (tachado de) monarquista, e encontrei, na reserva técnica da Escola Naval, alguns objetos e documentos que lhe pertenceram: sua espada com punho em couro de arraia, seu talim dourado de Oficial General, seu cartão de visitas, sua carta patente e, por fim, uma carta em letra inteiramente diferente daquela que eu já copiosamente lera na Biblioteca Nacional, nas férias de 2018 para 2019, tempo que havia para realizar a pesquisa que me animava. A data do documento: “09 de Maio de [18]65”. O local: “V. Amazonas”. A assinatura: “Barroso”.

Minha incredulidade foi instantânea, fotografei a peça, mas a qualidade de meu equipamento era péssima, e os imperativos do estudo de outro objeto determinaram a postergação da publicação desse achado, que, já àquela época, encontrava-se vitimado pelas numerosas décadas transcorridas desde que Barroso deitara a tinta no papel. Quatro anos e meio depois, debruçado sobre um objeto

¹ Machado de Assis. “Miss Dollar”, in: *Todos os contos de Machado de Assis*, vol. 1. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019, p. 20.

² Transmissões IHGB. CEPHAS 24/05/2023 – Convidados: Pedro Henrique de Souza Ribeiro e Fernanda Deminici de Albuquerque. YouTube, 24 de maio de 2023. 1h25min38s. Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?app=desktop&v=ZyfodI__u2g >. Acesso em: 10 de março de 2024.

mais coevo ao barão do Amazonas e obstinado a transcrever aquela carta, já dotado de capacidades paleográficas mais refinadas, tornei a fotografar a missiva e pude, enfim, transcrevê-la, como poderá o leitor conferir após este curto comentário introdutório.

Nessa toada, passo ao segundo plano que me propus a analisar: o conteúdo da carta. Como já se informou, data de 9 de maio de 1865, é dizer, um mês e dois dias antes da Batalha Naval do Riachuelo. Conforme afirmou Doratioto³, a marinha, nessa ocasião, apresentou lentidão de resposta à ofensiva paraguaia. A carta é elucidativa, o que a torna ainda mais especial, na medida em que refere um possível indício que justifica essa demora: o despreparo dos navios do Império para a navegação fluvial determinou que Barroso comprasse o “Eufrásia”, embarcação que seu destinatário parecia querer pegar para si. O “vaporzito” não somente “safou”, isto é, desencalhou o vapor argentino “Pampeiro”, como também os navios brasileiros “Ivaí” e “Amazonas”. Tão importante quanto isso: realizava a navegação exploratória a fim de permitir o seguimento da esquadra rio Paraná acima e, nessa medida, é razoável depreender que um navio de baixo calado, comprado de oportunidade, dotado de tecnologia menos complexa e de investimento menos custoso, permitiu ao Estado imperial mover sua esquadra adiante.

A propósito, essa curta passagem de Barroso também comprova o apontamento feito por Doratioto de que a negativa do almirante ao pedido de Paunero de que enviasse duas canhoneiras ao Passo da Pátria em 25 de maio se baseava no receio do baixo calado, o que, até então, se pudera sustentar somente por uma carta pessoal trocada entre Paranhos e Cotegipe⁴. A descoberta desta carta prova o ponto, agora de maneira definitiva. Ainda assim, nesse momento, é impossível apreender a vitória brasileira como consequência inequívoca do empreendimento de uma guerra justa, embora Machado de Assis, escrevendo em 1870 – e, portanto, no desenlace da guerra –, apreenda Riachuelo dessa forma, conforme a passagem epigráfica que abre o presente estudo. Muito ao contrário, o documento permite perceber a precariedade da invectiva brasileira, condicionada que estava pela relação de desencaixe entre a tecnologia disponível na forma das embarcações do Império e a atroz geografia que esses navios tentavam driblar, tatear. A 9 de maio de 1865, a preocupação de Barroso estava menos na ordem de “salvar” a “independência das repúblicas platinas” e o Império que na de desviar dos perigos imediatos de baixios e “encalhadilhas” e na de conseguir alimentos, não havendo qualquer certeza de uma vitória última, portanto.

Curiosa também é a liberdade financeira do almirante: realiza uma despesa em Montevidéu, sem qualquer autorização expressa do congresso, isto é, sem dotação orçamentária e, nesse caso de exceção, o que faz é, em última análise, investir o capital brasileiro, proveniente da exportação tributada nas alfândegas do

³ Francisco Fernando Monteoliva Doratioto. *Maldita Guerra: nova história da Guerra do Paraguai*. São Paulo: Companhia das letras, 2022, p. 146.

⁴ Idem, p. 152, nota 135.

Império, indissociável do capital vinculado ao mercado de escravizados, numa república (o Estado Oriental) em que tal estatuto de propriedade já fora abolido desde 1842.

Mas a guerra não move a economia platense somente no plano da construção naval, fá-lo também no plano alimentar: Barroso pede a seu interlocutor incógnito que mande logo subir farinha e “bolaxa”, pois são esses gêneros alimentícios indispensáveis. Não está a pedir proteínas, o que permite inferir a possibilidade de sua obtenção local, ou nas estâncias lindeiras à bacia hidrográfica frequentada pela esquadra, ou na própria bacia – pela pesca e pela caça. Novamente investe-se o capital brasileiro na praça de Montevideu, agora a comprar-se a própria energia que animaria os corpos em combate, quer voluntários, quer recrutados à força, os quais, a propósito, montavam em 2650 militares.

Tal vinculação entre a economia platense e a praça do Rio de Janeiro já datava de longo período, porém a Guerra da Tríplice Aliança parece ter aquecido os elos que uniam Buenos Aires, Montevideu e Rio de Janeiro, a ponto de José Carlos de Carvalho, em fonte absolutamente rara⁵, indicar que, quando nomeado diretor de oficinas do Arsenal de Marinha da Província do Mato Grosso em 3 de dezembro de 1875 – dez anos após o documento que ora analisamos haver sido escrito – encontrou uma série de irregularidades nas compras que se faziam às praças de Buenos Aires e Montevideu⁶.

Chama ainda a atenção do leitor a aproximação que Barroso faz dos paraguaios a “formigas”. Está num período inicial da Guerra em que a ofensiva paraguaia grassava Brasil adentro, o que o almirante compara às numerosas tropas russas, provavelmente em referência à Guerra da Crimeia, denunciando o tipo de leitura – e de notícia – que informava a elite da marinha nas décadas de 50 e 60 do

⁵ José Carlos de Carvalho. *O livro da minha vida: na guerra, na paz e nas revoluções (1847-1910)*, vol. 1. Rio de Janeiro: Typographia do Jornal do Commercio, de Rodrigues & C., 1912.

⁶ Denúncia de irregularidades similares transparece também na pena de Lima Barreto, quem, ao contrário de Machado de Assis, tratava de forma jocosa a ação brasileira no Paraguai, por entender que dela, em boa medida, decorrera a ingerência das classes militares na política, processo de que era assaz crítico, Cf. Mauro Rosso. *Lima Barreto e a Política: os “Contos Argelinos” e outros textos recuperados*. Rio de Janeiro/ São Paulo: Editora PUC-RJ/ Loyola, 2010, p. 45. É o caso, por exemplo, da passagem de *Triste fim de Policarpo Quaresma* em que o caricato General Albernaz dizia ao não menos pitoresco protagonista (Policarpo Quaresma): “—Isto é... Não chegamos a nos encontrar, mas o Camisão [Floriano Peixoto]... É duro, o homem. Estou como encarregado das munições... É fino o “caboclo”: não me quis no litoral. Sabe muito bem quem sou e que munição que saia das minhas mãos, é munição... Lá, no depósito, não me sai um caixote que eu não examine... É necessário... No Paraguai, houve muita desordem e comilança: mandou-se muita cal por pólvora — não sabia?”. Afonso Henriques de Lima Barreto. *Triste fim de Policarpo Quaresma*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016, p. 169.

século XIX⁷. Para além disso, a zoomorfização pejorativa⁸ dos adversários constituía a gramática da civilização pela negação de suas características humanas, medida replicada também pelos paraguaios em seus periódicos⁹. Isto é, se Barroso barbariza os paraguaios, significa que, não podendo com eles haver diálogo, é a guerra a única solução possível – e justa – para o ataque inopinado daquela República.

Por fim, as redes de sociabilidade enleadas pelo conflito permitem vincular ao menos quatro personagens: Barroso, seu interlocutor (desconhecido, mas, possivelmente, Tamandaré), Bruce e Urquiza. A maneira como se refere aos demais indica proximidade do almirante para além dos laços profissionais, mas é especialmente o cumprimento maçônico que dirige ao destinatário que nos interessa: ao abrir a carta com “My dear friend and brother” [meu caro amigo e irmão] e fechá-la com “Your friend and brother” [Teu amigo e irmão], Barroso deixa vestígios de uma forma maçônica de tratamento que vinculam o oficial e seu interlocutor a redes de sociabilidade ainda mais amplas, matizados por uma vertente britânica centrada na Corte: a carta foi pensada para os olhos de um destinatário, e somente para os seus; eis o motivo do cumprimento cordial, e de o coronel Bruce aproveitar a missiva a fim de, pela pena de Barroso, mandar seus cumprimentos. Poder lê-la, mais de um século e meio após sua elaboração, é um

⁷ Tal aproximação tampouco passou ao largo da percepção de Lima Barreto, que vestiu um de seus personagens — o tenente-coronel Bustamante — com um “velho uniforme do Paraguai, talhado segundo os moldes dos guerreiros da Crimeia. A barretina era um tronco de cone que avançava para a frente; e, com aquela banda roxa e casaquinha curta, parecia ter saído, fugido, saltado de uma tela de Vítor Meireles”. Afonso Henriques de Lima Barreto. *Triste fim*, op. cit., p. 145.

⁸ Fernanda Deminicis de Albuquerque e Marcello José Gomes de Loureiro. “Com selvagens não há outro meio’: discursos de civilização e barbárie no contexto da Guerra do Paraguai”, in: Leonardo Costa Ferreira, Marcello José Gomes Loureiro e José Miguel Arias Neto (org.). *O legado de Marte: olhares múltiplos sobre a Guerra do Paraguai*. Curitiba: Appris, 2021, pp. 396-426. Tal zoomorfização buscava operar uma diferenciação entre a barbárie paraguaia e a civilização representada pela monarquia brasileira. Para Machado de Assis, era o próprio caráter bárbaro dos paraguaios que justificava a guerra, postura pungente que contrastava fortemente com seu estilo deliberadamente sinuoso e indireto, opaco, de representar a realidade social em contos e romances. Cf. Sidney Chalhoub. *Machado de Assis: historiador*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, pp. 91-93 e Sidney Chalhoub. “Diálogos Políticos em Machado de Assis”, in: Sidney Chalhoub e Leonardo Affonso de Miranda Pereira (org.). *A história contada: capítulos de história social da literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, pp. 95-122. Lima Barreto, que, ao contrário de Machado de Assis, não vivenciou o desenrolar do conflito na corte, preocupou-se em retratar a apreensão da guerra pelos militares. Foi precisamente essa percepção que lhe permitiu caracterizar os paraguaios como “malandros” na fala do General Albernaz: “—Polidoro tinha ordem de atacar Sauce, Flores à esquerda e “nós” caímos sobre os paraguaios. Mas os malandros estavam bem-entrincheirados, tinham aproveitado o tempo.”, denunciando o tipo de caricatura que se fazia dos antigos inimigos ainda na década de 1890. Afonso Henriques de Lima Barreto. *Triste fim*, op. cit., p. 105.

⁹ Francisco Doratioto. *Maldita Guerra*, op. cit., pp. 287-288.

verdadeiro privilégio proporcionado pelo acaso – “que é um deus e um diabo ao mesmo tempo...”¹⁰

Referências

- ALBUQUERQUE, Fernanda Deminicis de; LOUREIRO, Marcello José Gomes de. “Com selvagens não há outro meio’: discursos de civilização e barbárie no contexto da Guerra do Paraguai”, in: FERREIRA, Leonardo Costa; LOUREIRO, Marcello José Gomes; ARIAS NETO, José Miguel (org.). *O legado de Marte: olhares múltiplos sobre a Guerra do Paraguai*. Curitiba: Appris, 2021.
- ASSIS, Machado de. “Miss Dollar”, in: *Todos os contos de Machado de Assis*, vol. 1. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019.
- ASSIS, Machado de. “Singular Ocorrência”, in: *Todos os contos de Machado de Assis*, vol. 2. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019.
- BARRETO, Afonso Henriques de Lima. *Triste fim de Policarpo Quaresma*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016, p. 169.
- CARVALHO, José Carlos de. *O livro da minha vida: na guerra, na paz e nas revoluções (1847-1910)*, vol. 1. Rio de Janeiro: Typographia do Jornal do Commercio, de Rodrigues & C., 1912.
- CHALHOUB, Sidney. “Diálogos Políticos em Machado de Assis”, in: CHALHOUB, Sidney ; PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda (org.). *A história contada: capítulos de história social da literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000, pp. 95-122.
- CHALHOUB, Sidney. *Machado de Assis: historiador*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- DORATIOTO, Francisco Fernando Monteoliva. *Maldita Guerra: nova história da Guerra do Paraguai*. São Paulo: Companhia das letras, 2022.
- ROSSO, Mauro. *Lima Barreto e a Política: os “Contos Argelinos” e outros textos recuperados*. Rio de Janeiro/ São Paulo: Editora PUC-RJ/ Loyola, 2010.
- Transmissões IHGB. CEPHAS 24/05/2023 – Convidados: Pedro Henrique de Souza Ribeiro e Fernanda Deminicis de Albuquerque. YouTube, 24 de maio de 2023. 1h25min38s. Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?app=desktop&v=ZyfodI__u2g > . Acesso em: 10 de março de 2024.

Recebido em: 08 de abril de 2024

Aprovado em: 06 de novembro de 2024

¹⁰ Machado de Assis. “Singular Ocorrência”, in: *Todos os contos de Machado de Assis*, vol. 2. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019, p. 46.

Reserva técnica da Escola Naval (Rio de Janeiro), gaveta três, coleção Almirante Saldanha da Gama, s. n.

Carta de Francisco Manoel Barroso da Silva, datada de 9 de maio de 1865

P. 1

V Amazonas 9 de Maio 65

My dear Brother

Hoje depois do meio dia desencalhou a Ivahy, espias [?] [a] arranjar [?] gastamos tempo. Às 2^h apareceu o V. argentino "Pampeiro" que encalhou na mesma localidade do que nos, e assim fica. Lhe estou aplicando os meios e mesmo de noite se vai espiar um ferro, para ver se consigo flutuarlo para seguir amanhã. Recebi pelo Pampeiro a tua carta de 4. Agradeço-te as noticias que me dás. Mas vamos a tratar do vapor "Eufrasia" que se quiser que se o mande queu [sic] precisas delle para tuas viagens. Meu amigo o vapor este com os serviços que me tem prestado depois que o comprei já o concidero meio pago, pois se não fosse elle a Amazonas teria que estar muito mais tempo encalhado [sic]. Com o Ivahy nas suas encalhadeiras o mesmo, e agora se esta prestando serviços ao vapor

p. 2

Pampeiro, e he o que esplora os maus passos para depois seguirmos como já fes a este vapor no ultimo que passou, assim he inteiramente indispensavel [sic] para nos acompanhar, e só com elle he que talves possa o Amazonas transpor os maus passos.

Ahi facilmente obteras outro, e não debes perder o que se está preparando nos fundos da casa dos Vianas, ao qual se podera por os arranjos que sejam convenientes. O "Eufrasia" com a chata já tem sido carregada com a tropa para aliviar. Rebocou a lanxa [sic] das rodas do Amazonas para espiar ferros. <...> já ves o serviço que nos presta e prestará a nossa comissão, a qual he de todos e da nação.

Infelizmente as lanchas das rodas do Amazonas uma esta enulitizada [sic], e a outra quasi o mesmo mas assim mesmo nos tem

p. 3

servido, e com o cuidado que temos [com] ella ainda nos prestara algum serviço. Repito sobre os mantimentos, que venha farinha e bolaxa [sic], primeiro que tudo: que será o artigo que máis começará a faltar: nunca estará de mais aproveitando algum vapor do [grande] que podera trazer a farinha ou algum barquito a reboque com ella, e bolaxa. No entretanto é tempo para chegar o barco que deixei encomendado em M. Vº [Montevideu] com as 30 mil rações que com a gente que temos so será para doze dias, pois sendo 2650 X 12 da 31 mil rações; eu quando pedi isto não contara com as 1030 da Brigada do Bruce, portanto há que triplicar a quantidade a vir, e isto com presteza.

Já na Ivahy apareceu um soldado com bexigas, para o separ[ar] dos outros o vou pôr no vaporzito.

Estou que seria conveniente que para o exercito que se esta

p. 4

[rasgada] [organizando] em Corrientes com [?] [?] [Pauneiro¹¹ (sic)] [rasgado] deveria receber fortes reforços.

Vindo por mar a Infantaria que lhes podesse ser remetida, e de EntreRios do Amigo Urquiza muita Cavalaria para que o primeiro golpe fosse dicesivo [sic] sobre os Paraguaio. Estes Sugeitos estão feitos formigas. Largão se para M^o Grosso, para Minas, para o R^o Gde e para Corrientes. Tem mais tropas e generaes do que [papel cortado] os russos¹².

Tomara já verlos em marcha ao exercito atravessando Correntes para si bater [a]os Sugeitos[.] 15 mil homens que he boa força; mas não deixem de mandar mais para Correntes [sic].

Enfim que o [?] chegasse um granadeiro. Ca lhe tenho um colete e creio que uma calça.

Deus permita que possa ir achatar as chatas em Correntes; eu estou que não esperão o [?]. Segundo papeis [de] Paz, vejo que já tem havido garrilhas e feito alguns prisioneiros. [?] recomenda me a todos e todas, o Bruce te manda lembranças

Your friend and brother

Barroso

As 9 da noite safou a Pampeiro, graças a Eufrasia

¹¹ Em referência ao General Argentino Wenceslao Paunero, responsável pelo primeiro ataque a Corrientes. Cf. Francisco Doratioto. *Maldita guerra*, op. cit., pp. 150-153.

¹² Em provável referência à Guerra da Crimeia (1853-1856).